

O QUE FAREIS VÓS PARA O DIA DA FESTA DE JAVÉ? Uma análise da perícópe de Oseias 9,1-9

*Bruno Cavalcante de Souza**

Resumo

O livro de Oseias faz com que lancemos olhares atentos sobre uma região pouco explorada no que tange à pesquisa bíblica: O Reino do Norte, em suas tradições, literatura, dentre outros aspectos relevantes. A perícópe que será examinada nesta ocasião nos mostra um momento difícil na história do povo. Momento este caracterizado pelo promulgar de uma dura sentença como paga a um contexto religioso claramente banalizado e, a exemplo do que o próprio texto traz, prostituído, onde as alianças estrangeiras são o principal elemento destacado. Israel haveria de ser devastado e, em fuga, a nação haveria de passar por dias extremos na luta pela sobrevivência. No entanto, Oseias tende a demonstrar ao povo que Javé não havia se esquecido deles. Como um autêntico mensageiro do amor, o profeta demonstra que a aliança haveria de ser restaurada por Javé, que, mesmo na adversidade, continuaria cuidando do seu povo.

Palavras-chave: *Efraim. Prostituição. Assíria. Egito.*

Abstract

The book of Hosea makes us cast watchful eye over a little explored region in relation to biblical research: the Northern Kingdom, in their traditions, literature, among other relevant aspects. The pericope which now will be examined shows us a hard time in the history of the people. This time characterized by enacting a harsh sentence as paid to a religious context clearly trivialized and, similar to what the text itself brings prostituted, where foreign alliances are the main outstanding element. Israel would be devastated, and on the run, the nation would go through extreme days in the struggle for survival. However, Hosea tends to show the people that the Lord had not forgotten them. As a true messenger of love, the prophet

* Teólogo (2012) e Mestrando em Ciências da Religião pela UMESP, São Paulo, SP. Bolsista CNPq. Contato: admrancharia@gmail.com

shows that the alliance would be restored by Yahweh that, even in adversity, would continue taking care of his people.

Keywords: *Ephraim. Prostitution. Assyrian. Egypt.*

Considerações iniciais

Sem dúvida alguma, a religião é parte fundante indispensável quando se pensa na organização de uma sociedade em qualquer tempo de que se tenha notícia. A partir de seus símbolos, paradigmas, padrões culturais e interlocutores, a religião, como peça estruturante do elemento social, tem podido, através de uma variedade de formas, proporcionar ao homem a experiência de um contato mais próximo com a divindade, sempre em uma perspectiva de complementaridade do humano pelo divino.

O livro de Oseias, alvo de nossa reflexão neste artigo, mostra como eram profundas e significativas estas relações na vida e no cotidiano do povo. O texto nos conduz por um cenário que pode ser descrito através de uma palavra-chave balizadora de toda a queixa profética: Prostituição (Wolff, 1984, p. 9).

Israel era uma nação culpada de adultério. Através da experiência matrimonial do profeta, que toma uma prostituta por mulher, Javé demonstra claramente sua insatisfação com a situação vivencial da nação, formulando inúmeras denúncias, bem como anunciando o vindouro juízo que recairia sobre a mesma.

O fim do Reino do Norte estava decretado! A poderosa dinastia de Jeú, que havia subido ao poder mediante um excessivo derramamento de sangue, haveria de prestar contas a Javé, que daria fim à realeza de Israel (cf. Os 1).

A situação vai se intensificando! O discurso não só anuncia a destruição do Reino do Norte, como também aponta que Javé retiraria de sobre Israel a sua misericórdia, dissolvendo com ele sua aliança. Israel não seria mais o povo de Javé, e este não mais seria o seu Deus.

O trigo, o vinho, o azeite, a prata e o ouro de que Javé provera grandiosamente a eles, foram utilizados como oferendas a Baal. A voz profética fala contra a incapacidade de reconhecimento de que todas estas coisas provinham de Javé, a quem Israel estava ligado por pacto de aliança.

Javé haveria de visitá-los em juízo e, como fruto disto, todas as festividades religiosas cessariam, sendo Israel, a partir de então, desarraigado e exilado (Schultz, 1970, p. 372). Duros tempos haveriam de vir!

O Livro de Oseias – Breve introdução

Oseias ocupa o primeiro lugar na lista dos profetas menores, escritos em um rolo único, denominado *O Livro dos Doze* (Lasor, 1999, p. 274). O profeta dá

início ao seu ministério nos últimos anos do reinado de Jeroboão II (783-743 aC), continuando até pouco antes da invasão dos assírios em 722 aC.

O livro como um todo possui textos que retratam períodos históricos diferentes, sendo as mais importantes etapas de sua redação: o tempo da profecia no Reino do Norte, entre 750 e 724 aC; a primeira redação, por volta de 700 aC no Reino do Sul; a segunda redação, por volta de 620 aC, e, por fim, a redação exílica e pós-exílica, que retoma os oráculos em uma proposta de releitura, objetivando o reacender da esperança do povo (Nova Bíblia Pastoral, 2014, p. 1111).

Divide-se estruturalmente em três partes, a saber: Os 1–3; 4–11 e 12–14. Trata-se da mais longa obra profética do pré-exílio, contendo em seu bojo os temas proféticos principais, tratando especificamente sobre a destruição e a esperança. A perícopes de Os 9,1-9, objeto de análise neste artigo, se encontra no segundo bloco do livro.

Estilo literário de Os 9,1-9

Ao procurarmos classificar o estilo literário da perícopes de Os 9,1-9, algumas considerações se fazem necessárias. A obra de Oseias tem uma representatividade notável no quesito estilo literário. A linguagem é poética, caracterizada por aliterações¹, assonâncias², quiasmas³, dentre outras figuras literárias, além de um bom número de palavras que não constam em qualquer outra parte da Bíblia (Crabtree, 1961, p. 83).

É notório, dentro da obra de Oseias, que surgiram algumas dificuldades no desenvolvimento textual, no que diz respeito ao trabalho de composição, estruturação e organização (Schökel, 2004, p. 19). Como no caso de nosso texto, em que a palavra de julgamento é observada na cadência de acusação de pecado e anúncio de juízo, que praticamente caracteriza todo o livro.

Vale a pena ressaltar que mesmo os relatos narrativos biográficos das ações proféticas são, na verdade, uma forma de exprimir palavras de julgamento, como a acusação de “grande prostituição”, presente em Os 1–2, e também da própria revelação nos nomes dos filhos (Hubbard, 2008, p. 41).

Os padrões de Oseias em suas palavras de julgamento são flexíveis e variados, usando ocasionalmente a expressão “porque/eis!” para assinalar a transição da acusação para a ameaça (cf. 2,6-9; 4,3).

1. Repetição das mesmas letras, sílabas ou sons numa frase.

2. Semelhança ou proximidade de sons.

3. Figura composta de um paralelo ou uma dupla antítese cujos termos se cruzam.

Tal como está, o texto se apresenta como um oráculo. Não como sendo dirigido a indivíduos culpáveis, mas como um reflexo do profeta, apresentado como palavra de Javé dirigida a ele em uma situação de crise específica (Simian-Yofre, 1993, p. 119).

Contexto histórico

A situação da construção do texto pode ter se dado durante o tempo confuso do reinado de Manaém, que encerra a crise política interna, posterior à morte de Jeroboão II, passando também pelo período em que Israel enfrenta uma crise político-militar estrangeira, vindo a pagar 1000 talentos de prata a Teglath-Falasar (Simian-Yofre, 1993, p. 120).

É possível também imaginar que o texto tenha sido escrito ou pronunciado justamente quando uma embaixada de Israel dirigiu-se à Assíria para o pagamento anual do tributo (2Rs 15,19-20).

Acima de tudo, o conteúdo da ameaça é o mesmo: a Assíria deve devastar a terra daqueles que não podem fugir para o Egito. Isto nos remonta, em matéria de datação do texto, para a cena do festival de outono em 733 aC, ou pelo menos num dos anos que se seguiram imediatamente (Wolff, 1965, p. 153).

Não existe ainda nenhuma indicação de uma abordagem oficial para o Egito. Por outro lado, as pessoas têm sobrevivido ao horror impressionadas com a invasão assíria na primavera de 733 aC (Wolff, 1965, p. 153).

Análise de conteúdo

O imperativo “Não te alegres, Israel” em Os 9,1a assinala um novo começo. Tanto a alegria quanto o regozijo têm um sentido genérico e, no caso de nossa perícope, este sentido parece ainda estar indefinido, embora revele que tal alegria, à vista do anúncio profético, era uma alegria falsa. Esta expressão traz um peso tremendo à celebração de Israel, não apenas esfriando o entusiasmo dos envolvidos, mas também colocando em perigo a própria salvação deles. As palavras que costumavam fazer parte das promessas de salvação, agora proclamavam a devastação (Hubbard, 2008, p. 168).

Logo em seguida, no v. 1b, denuncia-se o pecado: infidelidade, prostituição cultural. Schökel, quando fala da denúncia do pecado, faz alusão à presença de cultos de fertilidade neste contexto. O profeta parece ter tomado o costume de povos agrícolas antigos, que praticavam ritos de fertilidade em meio aos campos de cultivo, como uma alusão metafórica, contudo sem obrigar a pensar em prostituição sagrada nas eiras (Schökel, 1991, p. 931).

A questão se delinea desta forma: Israel, cuja história lhe havia ensinado bem, não haveria de seguir as práticas de orgias festivas dos cultos de fertilidade

das nações como o Egito e a própria Assíria. Israel, a exemplo dos cananeus, apresentava ofertas a Baal, julgando ser ele aquele quem lhe dava fertilidade ao solo. Assim, todas as celebrações festivas eram atos de prostituição, onde a meretriz reconhecia seu amante, aceitando sua dádiva (Crabtree, 1961, p. 140). Isto nos mostra que os rituais religiosos de Israel eram diferentes, atingindo um ponto baixo significativo: não se tratava de adoração, mas prostituição, onde a colheita era a paga de uma prostituta.

Hubbard ainda nos fala que a presença da expressão “salário de prostituição” é de fundamental importância para entendermos esta relação. Este “salário” seria um acusativo de referência: “com relação a” ou “em troca de”. O substantivo “cereais”, no final do v. 1, pode ser um aposto de “salário”, explicando a natureza do pagamento para a prostituta.

A partir do verso 2, até o verso 4, temos a presença do que pode ser perfeitamente classificado como consequência dos pecados denunciados. No v. 2, o juízo é promulgado contra as festas corrompidas. A “eira” e o “lagar”, símbolos da prosperidade do povo, já não lhe forneceriam o alimento. O “mosto” haveria de enganá-los, vindo a faltar, impossibilitando o regozijo do povo. A presença do pronome feminino hebraico *baḥ* é providencial à sentença, marcando Israel como prostituta (Wolff, 1974, p. 149).

A nação adúltera é expulsa de casa (v. 3). É agravante o fato de se cometer adultério no recinto doméstico do marido, pois a terra prometida é “terra de Javé”. Desta maneira, introduz-se a temática do exílio, que terminará por distribuir a nação entre dois impérios: ou como fugitiva no Egito, ou cativa na Assíria. O v. 4 relata a perda do sacrifício. Eles “não derramarão para Javé vinho” e “o seu pão será como pão de enlutados”.

A lei da purificação apontava que qualquer pessoa que viesse a ter contato com tal tipo de pão, ligado ao contexto de morte, tornava-se impura (cf. Nm 5,1-2). Em seu contágio, as práticas religiosas do Egito e da Assíria trazem morte. Independentemente da intenção do adorador, o pão, a partir daquele momento, nada mais significaria para Javé – ele apenas haveria de matar a fome do povo. Em resumo, esta prática cultural tornava a nação impura de tal forma que nenhum israelita haveria de voltar à terra de Javé, descrita de acordo com o contexto religioso como “casa de Javé”.

O verso 5 é a questão principal da perícopé. Trata-se de uma pergunta retórica, que serve para decidir a discussão. Em resumo, nenhuma atividade festiva importante será possível no ambiente contaminado do exílio. A expressão “festa de Javé” e a expressão “e todas as suas solenidades” (cf. 2,13) são sinônimos que descrevem a festa do outono, que parece ser o contexto da perícopé (Hubbard, 2008, p. 168).

O verso 6 trará o retrato do exílio. A catástrofe representa verossimilmente a invasão assíria, e aqueles que tentarem escapar da sua destruição, encontrarão

refúgio no Egito, porém sem obter descanso. Este será o trágico fim! Esta é a representação do Egito, um triste fim, ao invés de um novo começo. Aqueles que ali chegarem serão “sepultados” em Mênfis⁴; urtigas e espinhos crescerão na terra de Israel, tomando o lugar das coisas preciosas e dos ídolos que os israelitas tinham de deixar ali.

A partir do v. 7, juntamente com o v. 8, a questão da figura do profeta ganha destaque no estudo da perícopa. No v. 7, Oseias parece extinguir quaisquer dúvidas sobre a época do julgamento. Ele já chegou! O acerto de contas bate à porta de Israel, que haverá de receber a justa retribuição pelos atos que cometera.

A expressão “conhecerão Israel”, no intuito de dizer “que Israel saiba”, parece querer reforçar a ameaça do iminente juízo, bem como preparar o cenário para a reação do povo contra as palavras do profeta, no prosseguir de sua fala. Esta expressão parece refutar o argumento em 8,2, onde Israel afirma conhecer a Javé. De fato, este conhecimento não existe! Prova disso é que o julgamento está vindo e já chegou, portanto Israel deve estar ciente desta situação.

Esta declaração parece tão absurda que a nação não dá crédito ao profeta. Eles atribuem a ele a insensatez. O termo “homem de respiração” (v. 7b) é usado como algo pejorativo à figura de Oseias. O profeta, na visão da nação israelita, está desequilibrado, falando coisas vazias de sentido, não sendo movidas pela sabedoria divina, nem pela sua palavra.

As expressões finais do versículo 7, “abundante da tua culpa e muita má disposição”, não parecem fazer parte da crítica contra Israel. Antes, elas possuem muito mais a aparência de justificativa daquilo que as motiva, ou seja, os críticos de Oseias responderam a ele daquela forma não porque achassem que ele estivesse errado, mas porque, no fundo, sabiam que ele estava certo.

O verso 8 retrata a refutação de Oseias, que expressa o verdadeiro papel do profeta: “Sentinela de Efraim”. Ele ouviu a palavra de Javé, identificou a catástrofe e transmitiu ao povo de Deus a referida advertência. Segundo Crabtree este versículo, num primeiro momento, se referia a Efraim como vigia com Javé; agora retrata o ponto de vista dos falsos profetas, em confronto com os profetas verdadeiros, que estavam atentos à sua verdadeira função. Portanto, há ódio e hostilidade da parte de Efraim contra o verdadeiro profeta. O “laço de caçador” está sempre diante dos seus caminhos. Esta atitude de Efraim representa a inimizade dos sacerdotes na casa de Deus (Crabtree, 1961, p. 145). Um fato interessante nesta parte é que a hostilidade contra Javé, consequentemente contra os seus profetas, é confirmada no relato de Amós no capítulo 7,10-17.

No verso 9, Oseias anuncia que Javé realizará o castigo pelos pecados cometidos por Israel. A expressão “profundamente se corromperam” intensifica o

4. Cidade do norte do Egito, apenas vinte quilômetros ao sul do delta do Nilo.

pecado de Israel, que chega ao fundo do imenso abismo na rejeição do profeta, que tenta mostrar-lhes a saída daquele lugar. A expressão “como dias de Gabaá” atende a três propósitos (cf. Jz 19,20). Em primeiro, ressalta os precedentes que estão por detrás da conduta de Israel, remontando à história de quatro séculos, onde se conclui que tal crime está em seus genes. Em segundo lugar, compara o caos existente neste contexto com a cena do estupro grupal e o assassinato sexual da concubina do levita pelas mãos dos cidadãos de Gabaá. Por fim, em terceiro lugar, relembra detalhes que se encaixam na linguagem e no contexto do texto (cf. Jz 19,16; 20,26; 21,2; 20,29-48; 21,19).

Considerações finais

Difícil para nós seria simplesmente olhar para esta perícopes sem ao menos nos perguntarmos a quem, de fato, toda a acusação do profeta, bem como todo o desenlace das situações elencadas, se dirige. Quem, na verdadeira acepção da palavra, está por trás de toda a trama que se abate por sobre a nação de Israel?

A nação sofre como um todo, mas a profecia tem um destino certo. A religiosidade banalizada, prostituída, vem daqueles que são responsáveis por ensinar ao povo sobre as nuances de se cultivar uma espiritualidade sadia, que agora se desviaram de sua real função, passando a brigar entre si. Este é o grande segredo por detrás de toda a história que envolve a profecia de Oseias na perícopes em questão. Quando os responsáveis de ministrar tal espiritualidade falham, o povo sofre duramente as mais diversas formas de opressão e acaba sendo cruelmente vilipendiado por uma prática religiosa opressora, adequada aos desmandos de seus operadores. A crítica e o juízo dirigidos à nação, sem dúvida, são severos.

Embora, na análise desta perícopes, nos tenhamos atido às consequências daquilo que o profeta denuncia como “prostituição”, a profecia de Oseias é um importante tratado de esperança. Em suas palavras destaca-se a imutável compaixão de Javé, cujo amor supera de longe o pecado denunciado.

Se, num primeiro momento, Oseias aponta a queixa divina, a projeção futura revela o amor inextinguível de Javé, que continuaria, mesmo na adversidade, zelando pelo povo: “... Como eu poderia abandoná-lo, Efraim? Como haveria de entregar você a outros, Israel? Meu coração salta em meu peito, minhas entranhas se comovem dentro de mim” (Os 11,8). Javé não se esqueceu do povo! Em seu íntimo, o amor revolvía-se em comoção! No entanto, o segredo da justiça de Javé está no fato de que ela não é volúvel nem inconstante. Oseias é o profeta que mais sabe amar, mesmo atingido pelo pecado, qualidade esta que faz dele o mais indicado para proclamar o poder do amor como base suprema da relação de aliança.

Bruno Cavalcante de Souza

Bibliografia

- CRABTREE, A.R. *O Livro de Oseias*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1961.
- HARPER, William Rayney. *The International Critical Commentary: Amos and Hosea*. New York: Charles Scribner's Sons, 1910.
- HUBBARD, David A. *Oseias, Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- LANDY, Francis. *Hosea*. England: Sheffield Academic Press, 1995.
- LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- NOVA BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Paulus, 2014.
- SCHÖKEL, Luis Alonso; SICRE, José Luis. *Profetas II*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1970.
- SICRE, José Luis. *Profetismo em Israel: O Profeta, os Profetas, A Mensagem*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SIMIAN-YOFRE, Horácio. *El Desierto de Los Dioses: Teología e História en el Libro de Oseas*. Madrid: Ediciones El Almendro, 1993.
- WARD, James M. *Hosea: A Theological Commentary*. New York: Harper & Row, Publishers, 1966.
- WOLFF, Hans Walter. *Hosea. A Commentary on the Book of the Prophet Hosea*. Philadelphia: Fortress Press, 1965.
- _____. *Hosea*. Philadelphia: Fortress Press, 1974.
- _____. *Oseas Hoy: Las Bodas de la Ramera*. Salamanca, Ediciones Sígueme, 1984.